

A MOBILIDADE ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA UFPEL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS COMO FORMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

JOSÉ ANTONIO BICCA RIBEIRO¹; BEATRIZ MARIA BOÉSSIO ATRIB ZANCHET²

¹*Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação (FaE/UFPeL) – jantonio.bicca@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação (FaE/UFPeL) – biazanchet@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

É possível perceber uma forte influência internacional desde as origens das primeiras universidades, como Bolonha e Paris, no século XIII, a partir da presença de professores das mais variadas partes do mundo, realizando as primeiras atividades de ensino e pesquisa nestas instituições (KNIGHT, 2004). No entanto, a Universidade enquanto espaço por excelência, da produção e difusão do conhecimento, manteve por muito tempo, certo grau de independência frente às interferências políticas e de outras instituições educacionais, sobretudo, de outros países. Ainda é possível perceber que na sociedade contemporânea, existe um cenário de múltiplas transformações de ordem cultural, econômica, social tecnológicas. O conhecimento produzido é transmitido de forma muito rápida, fruto de um processo de globalização mundial, e tais fatores acabam interferindo também no campo educacional, pois proporcionam novas demandas e desafios a serem superados.

Com o conjunto de mudanças em diferentes esferas sociais, a partir do avanço das tecnologias de comunicação é possível perceber estreitamento das relações entre os países sob diversos planos, econômico, político e cultural, consolidando relações transnacionais de mercado, capital ou conhecimento, enquanto elementos do processo de internacionalização.

A internacionalização do ensino superior evoluiu com o passar dos anos, como já mencionado e passou-se de uma lógica assistencialista, a partir da atuação de professores advindos de inúmeros locais, para uma lógica de competição em busca da reputação internacional das instituições, a partir de grandes acordos firmados para o desenvolvimento de políticas públicas de atenção às demandas do mercado (ALTBACH, 2001; DE WIT, 2011).

A mobilidade tanto de discentes como docentes, é algo que tem aumentado nos últimos anos, e há uma expansão do número de cursos e programas com foco na qualificação a partir deste contexto internacionalizado (BARTELL, 2003). Percebe-se desta forma, tal movimento de internacionalização como “o processo que integra uma dimensão global, intercultural e internacional nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p. 28).

Atualmente, o contexto e a concepção de internacionalização que se tem é de uma forte rede de relações construída, que contemplam desde mobilidade de professores e estudantes, até um contexto de parcerias com organismos internacionais ou desenvolvimento de políticas públicas educacionais e econômicas de sustentação.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar os contextos da mobilidade estudantil via Programa Ciência sem Fronteiras (PCsF), a partir de dois cursos que são altamente procurados dentro da UFPeL, buscando identificar os elementos que compõem a participação dos estudantes no programa.

2. METODOLOGIA

O estudo desenvolvido é um recorte de pesquisa, visto que os resultados como um todo farão parte da tese de doutorado. Optamos por utilizar somente os resultados referentes ao Programa Ciência sem Fronteiras, considerando especificamente entrevistas realizadas junto a coordenadores institucionais da universidade.

A presente pesquisa é caracterizada como qualitativa (GIL, 2011), e classifica-se como descriptiva, explicativa e exploratória, uma vez que se dedica a explorar um campo de conhecimento que ainda carece de um olhar mais aprofundado, devido a escassez de estudos relacionados, procura descrever detalhadamente tal campo, com todas as suas particularidades e especificidades, e visa ainda, explicar os fenômenos que acontecem neste contexto da pesquisa.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três coordenadores institucionais, sendo eles: a) uma coordenadora institucional (coordenadora A), vinculada à Coordenadoria de Relações Internacionais (CRIInter)¹, com o objetivo de verificar o número de alunos contemplados, critérios de seleção para a participação, bem como, quais ações e estratégias a Universidade vem desenvolvendo no que tange o programa; b) dois coordenadores dos cursos que mais têm alunos contemplados pelo programa, buscando conhecer as interfaces que compõem a participação dos alunos e como os cursos se preparam para este processo de mobilidade estudantil (coordenadores B e C).

As entrevistas foram realizadas entre o segundo semestre de 2014, sendo gravadas e posteriormente transcritas para a análise. Os dados foram analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), a partir das fases execução – pré-análise, exploração do material e inferências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas que foram realizadas, percebemos o crescimento da internacionalização via mobilidade estudantil nos últimos anos, no entanto, a partir do ano de 2012, o aumento foi exponencial, uma vez que acontece a criação do PCsF a nível nacional, conforme é possível identificar na tabela 1. Além disso para atender essa demanda, na Universidade acontece a criação da CRIInter em 2012, buscando organizar todos os programas de mobilidade estudantil e também as relações internacionais, desenvolvidas pela Universidade com outras instituições. E a perspectiva da instituição relaciona-se ao crescimento individual e coletivo dos estudantes, segundo a coordenadora A.

Tabela 1. Alunos envolvidos com a mobilidade estudantil na UFPel

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Número de intercambistas	13	19	25	22	74	204	398

Fonte: UFPel, 2016.

Com relação ao local que os alunos preferem realizar seu intercâmbio, nos foi relatado que a grande maioria busca os países do hemisfério norte, com

¹Órgão responsável pela organização e supervisão de todas as ações relacionadas à mobilidade acadêmica e estratégias de internacionalização na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

destaque principal para EUA e Canadá, como é possível perceber na fala da coordenadora A: “*Então ele vai para os Estados Unidos e Canadá, são os que lideram, aí, depois na ordem vem Reino Unidos e aí, pulveriza entre Alemanha, França, Espanha, Portugal saiu também, porque no começo do 'Ciência sem fronteiras' os alunos iam muito para Portugal*”.

Segundo uma das coordenadoras a motivação dos alunos para sair ao exterior está relacionada ao conhecimento de como são as condições de ensino, de vida e das pessoas no exterior, o que pode representar ganhos importantes para sua formação. É possível identificar ainda um grande trabalho de sistematização da saída de estudantes pela CRIInter, pois os alunos são acompanhados antes, durante e após a sua saída, a partir da realização de reuniões para organização da documentação, disciplinas a serem cursadas, conhecimento dos relatórios a serem entregues e das avaliações realizadas pelos professores que os supervisionam.

Dentro da UFPel, nos cursos pesquisados, que são aqueles onde o maior número de alunos é contemplado pelo programa foi possível perceber uma facilidade para conseguir sair do país uma vez que a demanda é menor do que o número de bolsas solicitadas, e dessa forma, a avaliação das solicitações vira mera burocracia, pois dificilmente o aluno não é contemplado quando solicita a bolsa. É possível perceber que o PCsF se configura como uma importante ferramenta para a mobilidade estudantil, pois além de ter inúmeros alunos contemplados, cada vez mais editais têm sido abertos facilitando o trânsito internacional acadêmico.

Quanto à organização de cada curso para o atendimento das demandas do PCsF, houveram algumas diferenças nas falas, pois um deles mencionou total apoio da CRIInter durante todo o processo de seleção e posterior acompanhamento de cada aluno. Já o outro, mencionou que a iniciativa maior parte dos alunos e também dos professores da unidade, que se incumbem de orientar os acadêmicos quanto a escolha do país, Universidade e disciplinas a serem cursadas, e que a coordenadoria responsável por isso não tem conseguido auxiliar tanto neste processo. Tal fato pode ocorrer pela CRIInter ter pouco tempo de funcionamento, ou ainda, pela demanda estar sendo maior do que a planejada uma vez que além do referido programa a Coordenadoria tem a incumbência de lidar com toda a internacionalização da universidade.

Quanto aos desafios enfrentados relacionados ao PCsF, ambos os cursos relataram um déficit na divulgação dos editais e convênios abertos, pois muitas vezes os editais não são vistos pelos alunos, prejudicando sua saída para o exterior. Além disso, ambas coordenações disseram que existem meios de divulgação específicos, entretanto, ainda não são suficientes para atender às demandas.

Os dois principais desafios que emergiram em ambas as falas dos coordenadores, dizem respeito à assimilação de uma língua diferente, e a organização curricular dos acadêmicos que viajam para o exterior. No que diz respeito à língua, um dos coordenadores mencionou que acaba sendo um dos principais critérios para escolha das universidades pelos acadêmicos, pois estes buscam algum país em que tenham maior afinidade com o idioma: “*sai quem sabe alguma língua ou um ou outro que vai para Portugal ou Espanha que consegue, mas a maior parte do pessoal que pede pra sair é porque domina uma língua ou em inglês ou alemão ou francês (coordenador B)*”. E tal característica elemento também acaba sendo critério de seleção do lugar de intercambio, uma vez que os alunos escolhem o lugar em que dominam o idioma.

Quanto a organização curricular, apesar das disciplinas serem selecionadas previamente com os professores que supervisionam os acadêmicos, os coordenadores mencionam que ainda existem problemas quanto ao aproveitamento das mesmas aqui nos cursos, representando muitas vezes, uma dificuldade na conclusão do grau acadêmico, assim como expõe o coordenador C: “*na verdade eles saem, acham que vai dar para aproveitar tudo, e na verdade o que acontece é que a maioria das vezes é que eles fazem a mais do que precisam na nossa grade*”. Mencionaram ainda que existem problemas na seleção das disciplinas, visto que em alguns momentos, segundo estes gestores, os acadêmicos não conseguem realizar as disciplinas planejadas devido a problemas na Universidade que os acolhe, como por exemplo, a restrição de disciplinas à estrangeiros. O coordenador B, sinaliza que este é *um outro problema – eles não conseguem aproveitar as cadeiras feitas lá porque, disponibilizam as cadeiras que ninguém quer fazer ou são as piores cadeiras que tem*”. Apesar de haverem desafios a serem enfrentados, ambos coordenadores, atribuem uma importante contribuição da vivência internacional na formação profissional dos acadêmicos, como pode ser percebido na fala do coordenador B: “*Nós incentivamos a sair, acho que é uma oportunidade bárbara para que eles possam conhecer outras realidades e comparar os cursos em que eles estão inseridos*”. Além disso, apontam que a qualificação no exterior acaba sendo uma porta de entrada para a pós-graduação, consolidada em ambos os cursos, e que os professores que já passaram pela experiência motivam os alunos a realizarem a mobilidade.

4. CONCLUSÕES

Apesar das divergências encontradas nas falas dos entrevistados, é possível perceber que a UFPel tem se organizado para atender as demandas do processo de internacionalização através da mobilidade estudantil, e que o PCsF pode se constituir como uma importante ferramenta de formação neste processo. No entanto, tratam-se de dados preliminares, e ainda são necessários maiores estudos para inferências mais aprofundadas. Esperamos que os desafios encontrados sirvam de base para a construção de novas estratégias e ações relacionados a internacionalização, sobretudo a mobilidade estudantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTBACH, P. G. Globalization and the university: myths and realities in unequal world. **Tertiary Education and Management**. Kluwer Academic Publishers, v. 10, p. 3-25, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTELL, M. Internationalization of universities: A university culture-based framework. **Higher Education**. Manitoba, Winnipeg, p. 37-52, 2003.
- DE WIT, H. Globalisation and Internationalisation of Higher Education. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, v. 8, n. 2, p. 241-248, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6^a Ed. – 4^a reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**. Sage Publications, v.8, n.1, Spring, p. 5-32, 2004.
- UFPEL. Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINTER). Estatísticas. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/crinter/coordenacao-de-relacoes-internacionais/estatisticas/> Acesso em: 12 Jul. 2016.